

Coleção  
Educação: Experiência e Sentido

**Jan Masschelein  
Maarten Simons**

**Em defesa da escola**  
*Uma questão pública*

Tradução  
Cristina Antunes

2ª edição  
4ª reimpressão

**autêntica**

Copyright © 2013 Jan Masschelein e Maarten Simons

Copyright © 2013 Autêntica Editora

Título Original: *In Defence of the School*

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

COORDENADORES DA COLEÇÃO  
EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIA E SENTIDO

*Jorge Larrosa*  
*Walter Kohan*

TRADUÇÃO  
*Cristina Antunes*

REVISÃO  
*Kátia Trindade*

DIAGRAMAÇÃO  
*Conrado Esteves*

CAPA  
*Jairo Alvarenga Fonseca*  
(*Sobre imagem de Antonio Mancini,*  
*O jovem aluno, de 1876.*)

EDITORA RESPONSÁVEL  
*Rejane Dias*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(**Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**)

Masschelein, Jan  
Em defesa da escola : uma questão pública / Jan Masschelein,  
Maarten Simons ; tradução Cristina Antunes. -- 2. ed.; 4. reimp. -- Belo  
Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

Título original: *In Defence of the School*.  
ISBN 978-85-8217-252-0

1. Educação - Filosofia 2. Educação - Finalidades e objetivos I. Simons,  
Maarten. II. Título.

13-08202

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Filosofia 370.1

 GRUPO AUTÊNTICA

**Belo Horizonte**  
Rua Carlos Turner, 420  
Silveira . 31140-520  
Belo Horizonte . MG  
Tel.: (55 31) 3465 4500

**São Paulo**  
Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional  
Horsa I . 23º andar . Conj. 2310-2312  
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.grupoautentica.com.br](http://www.grupoautentica.com.br)

## APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.

Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.

A coleção Educação: Experiência e Sentido propõe-se a testemunhar experiências de escrever na educação, de educar na escritura. Essa coleção não é animada por nenhum propósito revelador, convertedor ou doutrinário: definitivamente, nada a revelar, ninguém a converter, nenhuma doutrina a transmitir. Trata-se de apresentar uma escritura que permita que enfim nos livremos das verdades pelas quais educamos, nas quais nos educamos. Quem sabe

extorsão que faria com que expressássemos nossa evidência em termos de valor agregado, resultados de aprendizagem e qualificações (educacionais). Queremos tentar identificar o que faz uma escola ser uma escola e, ao fazê-lo, também queremos identificar por que a escola tem um valor em e por si mesma e por que ela merece ser preservada.

## O que é o escolar?

*σχολή (skholé): tempo livre, descanso, adiamento, estudo, discussão, classe, escola, lugar de ensino*

Pode, a princípio, parecer estranho investigar o escolar. Não é óbvio que a escola é a instituição de ensino inventada pela sociedade para introduzir as crianças (em) o mundo? E não é evidente que a escola tenta equipar as crianças com o conhecimento e a habilidade peculiar a uma ocupação, cultura ou sociedade? Esse ato de equipar acontece de uma maneira específica: em um grupo, com professores na frente da sala de aula, e com base na disciplina e na obediência. Dessa forma, a escola é, igualmente, o lugar onde os jovens (de acordo com um método específico) são abastecidos com tudo o que eles devem aprender para encontrar o seu lugar na sociedade. Não é óbvio que a aprendizagem é o que acontece na escola? Que ela é uma *iniciação* ao conhecimento e às habilidades e uma *socialização* dos jovens na cultura de uma sociedade? Essa iniciação e socialização não estão, de uma forma ou de outra, presentes em todos os povos e em todas as culturas? E não é a escola, simplesmente, a forma coletiva mais econômica para consegui-las, coisa que se torna necessária quando a sociedade atinge certo nível de complexidade?

Essas, em qualquer caso, são percepções comuns e generalizadas do que a escola é e faz. Em contraste com esse ponto de vista, é importante ressaltar que a escola é uma invenção (política) específica da *polis* grega e que a escola grega surgiu como uma usurpação do privilégio das elites aristocráticas e militares na Grécia antiga. Na escola grega, não mais era a origem de alguém, sua raça ou "natureza" que justificava seu pertencimento à classe do bom e do sábio. Bondade e sabedoria foram desligadas da origem, da raça e da natureza das pessoas. A escola grega tornou inoperante a conexão arcaica que liga os marcadores pessoais (raça, natureza, origem, etc.) à lista de ocupações correspondentes aceitáveis (trabalhar a terra, engajar-se no negócio e no comércio, estudar e praticar). É claro que, desde o início, havia diversas ocupações para restaurar conexões e privilégios, para salvaguardar hierarquias e classificações, mas o principal e, para nós, o mais importante ato que a "escola faz" diz respeito à suspensão de uma chamada ordem desigual natural. Em outras palavras, a escola fornecia *tempo livre*, isto é, tempo não produtivo, para aqueles que por seu nascimento e seu lugar na sociedade (sua "posição") não tinham direito legítimo de reivindicá-lo. Ou, dito ainda de outra forma, o que a escola fez foi estabelecer um tempo e espaço que estava, em certo sentido, separado do tempo e espaço tanto da sociedade (em grego: *polis*) quanto da família (em grego: *oikos*). Era também um tempo igualitário e, portanto, a invenção do escolar pode ser descrita como a democratização do *tempo livre*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Nesse contexto, é interessante notar que dizia-se que Isócrates, responsável por desempenhar um papel importante nessa invenção, havia oferecido "o dom do tempo" para a arte da retórica incluída nas práticas políticas e jurí-

Precisamente por causa da democratização e equalização, a elite privilegiada tratava a escola com grande desprezo e hostilidade. Para a elite, ou para aqueles que estavam satisfeitos em permitir que a organização desigual da sociedade continuasse sob os auspícios da ordem natural das coisas, essa democratização do tempo livre era uma pedra no sapato. Assim, não só as raízes da escola repousam na antiguidade grega, mas também o mesmo acontece com uma espécie de ódio dirigido à escola. Ou, pelo menos, o impulso contínuo para domar a escola, ou seja, restringir o seu caráter potencialmente inovador e até mesmo revolucionário. Dito de outro modo: mesmo hoje, parece haver tentativas de paralisar a escola como "tempo livre" entre a unidade familiar, de um lado, e a sociedade e o governo, de outro. Por exemplo, muitos dizem que a escola, como uma instituição, deveria ser uma extensão da família, ou seja, deveria fornecer um segundo "ambiente de educação" suplementar ao provido pela família. Outra variante da domesticação da escola reza que ela deve ser funcional para a sociedade, ser meritocrática em seus processos de seleção e, assim, reforçar o mercado de trabalho e proporcionar bons cidadãos. O que, frequentemente, aconteceu e continua a acontecer – e vamos voltar a isso em breve – é que a quinta-essência do escolar muitas vezes é completamente expulsa da escola. Na verdade, podemos ler a longa história da escola como uma história de esforços continuamente renovados para roubar da escola o seu

dicas: "Longe do tribunal e fora da assembleia geral, a retórica não estava mais constrangida por um senso de urgência, e, na ausência dessa restrição, não tinha que sacrificar a sua integridade artística às eventuais demandas de interesses do cliente" (POULAKOS, 1997, p. 70).

caráter escolar, isto é, como tentativas de “desescolarizar” a escola – que vão muito mais longe no tempo do que os autoproclamados “desescolarizadores”<sup>2</sup> da década de 1970 podiam perceber. Esses ataques contra a escola derivam de um impulso para tornar o tempo livre fornecido por ela novamente produtivo e, desse modo, impedir a função de democratização e equalização da escola. O que queremos enfatizar é que essas versões domadas da escola (isto é, a escola como a família estendida, ou a escola produtiva, aristocrática ou meritocrática) não deveriam ser confundidas com o que realmente significa estar “dentro da escola” e “na escola”: tempo livre. O que muitas vezes chamamos de “escola” hoje em dia é, na verdade (total ou parcialmente), a escola desescolarizada. Assim, queremos reservar a noção de escola para a invenção de uma forma específica de tempo livre ou não produtivo, tempo indefinido para o qual a pessoa não tem outra forma de acesso fora da escola. O tempo fora – em casa, no mercado de trabalho – foi e é muitas vezes e de diferentes maneiras, “ocupado”. Nós não tiramos tempo livre para sugerir uma espécie de tempo de relaxamento, na maneira em que frequentemente ele é entendido hoje. Na verdade, o próprio tempo de relaxamento se transformou em tempo produtivo e se torna a matéria-prima para sua própria esfera econômica. Assim, o relaxamento é muitas vezes visto como útil no sentido em que repõe a nossa energia e nos permite realizar atividades que levam à aquisição de competências adicionais. A indústria do lazer é, de modo indicativo, um dos setores econômicos mais importantes.

<sup>2</sup> O termo inglês *deschoolers* diz respeito àqueles que querem separar a educação da instituição escolar e operar através da experiência de vida do aluno, em oposição a um currículo estabelecido. (N.T.)

A escola, por outro lado, surge como a materialização e espacialização concreta do tempo que, literalmente, separa ou retira os alunos para fora da (desigual) ordem social e econômica (a ordem da família, mas também a ordem da sociedade como um todo) e para dentro do luxo de um tempo igualitário. Foi a escola grega que deu forma concreta a esse tipo de tempo. Isto significa que este – e não, por exemplo, a transferência de conhecimento ou o desenvolvimento de talentos – é a forma de tempo livre por meio do qual os alunos poderiam ser retirados de sua posição social. É precisamente o modelo escolar que permite que os jovens se desconectem do tempo ocupado da família ou da *oikos* (a *oiko*-nomia) e da cidade/estado ou *polis* (política). A escola oferece o formato (ou seja, a composição particular de tempo, espaço e matéria, que compõe o escolar) para o tempo-feito-livre, e aqueles que nele habitam literalmente transcendem a ordem social (econômica e política) e suas posições (desiguais) associadas. É esse formato de tempo livre que constitui a ligação comum entre a escola dos atenienses livres e a coleção heterogênea das instituições escolares (faculdades, escolas secundárias, escolas primárias, escolas técnicas, escolas vocacionais, etc.) da nossa época. No que vem a seguir, não vamos discutir a rica história do formato da escola em sua totalidade, porém, em vez disso, vamos dar ênfase a algumas de suas características e ao seu funcionamento. A nossa ambição, contudo, não é esboçar a escola ideal, mas uma tentativa de tornar explícito o que faz com que uma escola seja uma escola, e, conseqüentemente, diferente de outros ambientes de aprendizagem (ou de socialização, ou iniciações). E, mais uma vez, o objetivo não é o de salvaguardar uma velha instituição, mas de articular um marco para a escola do futuro.